

Educação e resistência: desafios e enfrentamentos diante da barbárie socializada

Sección temática: Filosofía y educación

Nombre y apellidos: Cynthia Maria Jorge Viana

Titulación académica, actividad profesional y centro de trabajo: Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (PPGE/FE/UFG). Estancia de investigación (2013/2014) en: Instituto de Filosofía del Centro de Ciencias Humanas y Sociales (IFS/CCHS/CSIC). Becaria CAPES Foundation, Ministry of Education of Brazil, Brasília – DF 70040-020, Brazil. Correo electrónico: cynthiajviana@gmail.com

Resumen en castellano:

La presente propuesta de comunicación discute al respecto del sentido de la educación en el establecimiento del clima cultural que no permita la repetición de lo que fue el exponente máximo de la barbarie: Auschwitz y el masacre a los judíos. Con base en los escritos de Theodor W. Adorno se indaga sobre el carácter paradójico de la educación: que permite el auto-reflexión y la resistencia, así como justifica y mantiene ideologías.

Resumo em português:

“Que Auschwitz não se repita!”

A partir dessa afirmação, do filósofo alemão Theodor W. Adorno (1995), a presente proposta de comunicação tem como objetivo discutir o sentido da educação no estabelecimento de um clima cultural que não venha a disseminar a repetição do que foi esse horror. Ao manter o caráter epistemológico e negativo a uma racionalidade afirmativa, o autor elabora algumas proposições que indicam como não deve ser; como não aceitar que a recaída na barbárie – da qual Auschwitz é expoente máximo, e não um fato histórico isolado, posto que por ter acontecido já expressa uma tendência da humanidade –, volte a acontecer. À Adorno (1995) parece ser inadmissível que assassinatos friamente calculados sejam pensados como um desvio no curso da história; antes, representam uma questão social que desintegra e mina a resistência individual.

Ao reconhecer que com o progresso avançam também os elementos que promovem a frieza, a indiferença, a paralisia social e a falta de comunicação entre os homens, Adorno (1995) aposta na educação como uma esfera que pode potencializar a autorreflexão. Esta, como resistência diante de um clima cultural propenso ao terror e à dissolução, permite aos homens a reflexão sobre si e sobre as condições materiais que constituem a vida, algo revelador e capaz de des-opacizar o véu que encobre uma consciência coisificada e propensa a identificação cega com formas autoritárias de coletividade.

A educação é uma dimensão privilegiada de humanização, de produção de cultura: como processo de formação humana corresponde à possibilidade do desenvolvimento de uma consciência capaz de realizar experiências. Como instância de mediação e socialização entre o homem e a cultura, a educação tece a universalidade, em particularidades históricas específicas. A educação faz parte da constituição da existência humana e permite o acesso aos bens culturais e ao conhecimento como formação cultural. A ela cabe refletir sobre o sentido da prática educacional, na tentativa de colaborar com o estabelecimento de uma ação pensada e refletida. Dessa perspectiva, uma educação para reflexão é uma educação ética e política e, conseqüentemente, um impeditivo a Auschwitz.

Entretanto, dialeticamente, a educação, como uma dimensão intrínseca à cultura, é também reprodução de ideologia e de desumanização. Se, por um lado, a educação é capaz de produzir experiências e apresentar as possibilidades de resistência ao peso ideológico do existente, por outro lado, ela apresenta a necessidade crucial de adaptar os homens à vida social, política e cultural. Para o autor, não há como ignorar que se faz necessária a “preparação” e orientação dos homens por meio dos processos socioeducativos para a vida em sociedade. Porém, quando a prática educativa se restringe à produção de “pessoas bem ajustadas” torna-se impotente e questionável. Diante disso, quanto mais se aproxima da possibilidade de dar acesso aos homens a um pensamento como ação capaz de resistir aos ditames da cultura, mais corre o risco de levá-los ao empobrecimento: dos sentidos, da capacidade imaginativa, da espontaneidade e do repertório comunicacional. Eis a sua dimensão dialeticamente paradoxal. Em uma sociedade administrada e fetichizada pela técnica, têm-se cada vez mais uma educação escolar voltada para estruturas curriculares com conteúdos moldados que formatam os modos de pensar e agir, tanto no meio escolar como no próprio sistema educacional.

A desbarbarização por meio da educação, em certa medida, indica uma possibilidade de sentido para educação, um sentido de para onde ela deva conduzir, e nisso, uma possível resposta de Adorno à pergunta discutida em seu debate de 1966, “Educação para quê?” (Adorno, 2011). Para tanto, um dos recursos disponíveis no alcance desse projeto é a persistente e constante tentativa de dissolução de uma autoridade não reflexiva e violenta. Pensar uma educação que atenda aos interesses racionais e sensíveis dos homens, marcada pelo desvelamento dos impedimentos à consecução da liberdade humana e da igualdade de condições para o exercício das diferenças, ainda faz-se necessário. Na elaboração de um debate e de um projeto educacional contra-ideológico, o sentido da educação seria o desmascaramento de ideologias e o investimento na possibilidade de resistência. Apesar de representar uma instância de conformação social, a educação, necessita, a todo o momento, (re)pensar suas práticas e buscar – atenta às transformações da sociedade na qual se insere –, pela transformação. Com isso, chama-se atenção para exigência, de práticas emancipatórias e não-ideológicas. Pede-se que o olhar se volte para as condições sociais concretas e o que elas produzem em termos de uma consciência social que realize tentativas precisas de resistência, de cunho ético e político, frente aos impedimentos à realização de uma vida digna.

Referências bibliográficas:

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In._____. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Tradução Maria Helena Ruschel. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995. p. 104-123.

_____. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2011.